



Entrevista com Lavínia Schüller Faccini

Entrevista: Vicente Fonseca

Transcrição: Carla Mello

Revisão: Fernanda Reis e Vicente Fonseca

Extensionista e pesquisadora de trajetória relevante dentro da Medicina, em especial da área da Genética, Lavínia Schüller Faccini é coordenadora do Sistema de Informação sobre Agentes Teratogênicos. Fundado em 1990, o SIAT, ou Gravidez Segura, como é conhecido, é um dos programas de extensão mais antigos ainda em atividade dentro da UFRGS. O projeto atende a médicos e à população em geral, em especial gestantes, e teve uma procura ainda maior a partir da pandemia de Covid-19. Nesta entrevista, Lavínia nos traz um panorama de sua trajetória de mais de três décadas como docente e extensionista da UFRGS, fala a respeito do trabalho desenvolvido pelo SIAT e, fundamentalmente, aborda temas que estão em evidência desde que a pandemia eclodiu, como a importância da saúde pública e do conhecimento científico, entre outros.

Revista da Extensão: Professora Lavínia, vamos começar falando do início da sua trajetória acadêmica. Como se deu o seu interesse pela Medicina?

Lavínia Faccini: A minha entrada na universidade é interessante, porque meu pai foi professor da UFRGS também. Ele era professor no Instituto de Letras e a minha mãe era médica, então eu sempre fiquei fascinada pelas duas carreiras. Quando eu entrei na UFRGS, pensei: “nunca mais vou sair daqui, de tão legal que é”. Desde muito cedo, na Faculdade de Medicina, eu já tinha pensado em seguir carreira acadêmica. Por outro lado, a Medicina sempre me fascinou por ser uma maneira de atender as pessoas. Eu sempre quis dar aula, mas também queria ajudar quem precisasse. Eu tinha uma ideia de Medicina que não era a Medicina privada de consultório, então a universidade se tornou uma possibilidade bem interessante.

Revista da Extensão: E a paixão pela Genética?

Lavínia Faccini: Já no segundo ano, no curso

de Medicina, nós tivemos aula de Genética e eu fiquei fascinada, porque também havia, na disciplina, a questão da pesquisa e investigação. Isso foi em 1979, a pesquisa como tradição dentro da Faculdade de Medicina não existia como hoje. Havia poucos institutos ou departamentos de pesquisa, e a Genética era um desses. Assim, inicialmente fui monitora e depois orientada pelo professor Francisco Salzano em iniciação científica. Quando eu estava no final da faculdade, o professor Roberto Giugliani fundou o Serviço de Genética Médica do Hospital de Clínicas de Porto Alegre (HCPA) e me convidou para atuar lá também. Eu terminei a faculdade em um período em que não havia residência em Genética e como eu queria mesmo a carreira acadêmica, já entrei em um mestrado nessa área, no Departamento de Genética da UFRGS, no mesmo lugar onde eu havia feito iniciação científica. Eu ficava meio a meio no Hospital de Clínicas e no Departamento de Genética. A minha tese de doutorado foi sobre crianças com malformações congênitas. Durante o doutorado surgiu a possibilidade de ser professora na Faculdade de Medicina da USP de

Ribeirão Preto. Naquela época, não precisava nem ter finalizado o doutorado para dar aula, porque existiam pouquíssimos geneticistas médicos.

Revista da Extensão: Lá no começo a senhora menciona que não queria sair da UFRGS. Como foi essa saída para o interior paulista e o posterior retorno?

Lavínia Faccini: Eu fui para Ribeirão Preto para dar aula de Genética Clínica e permaneci por dois anos lá, até surgir um concurso para a UFRGS. Quando consegui uma vaga, vim de “mala e cuia” de volta para Porto Alegre para ser professora na UFRGS. Aqui comecei a atuar dentro do Serviço de Genética Médica, já como médica e professora. Em 1990 ainda não existiam todos os projetos e programas de extensão maravilhosos que existem agora, mas dentro do hospital e da universidade a minha preocupação sempre foi o que a gente poderia fazer para diminuir a probabilidade de

ocorrência das doenças congênitas. Genética é genética: há poucas coisas que podemos modificar, mas sabemos que existem algumas anomalias que são causadas pelo uso de medicações, por exposições ambientais e por infecções que podem ser efetivamente prevenidas.

Revista da Extensão: O início dos anos 1990 também marca a fundação do SIAT, o principal programa de extensão de sua trajetória na UFRGS. Ele coincide com o início de sua atuação como docente na Universidade, então.

Lavínia Faccini: Exatamente. Eu e minha colega Maria Teresa Sanseverino e o professor Roberto Giugliani iniciamos o programa Sistema de Informação sobre Agentes Teratogênicos (SIAT) naquele mesmo ano de 1990. O termo “agente teratogênico” significa aquilo que causa malformações, o que dá sempre uma ideia do lado negativo, e nós começamos a pensar



Serviço de Genética Médica foi o local onde Lavínia passou a atuar como docente na UFRGS, em 1990

também no lado positivo, questionando o que poderíamos fazer para uma gestação melhor do ponto de vista materno e fetal. Nós sabemos que algumas doenças maternas são mais nocivas para os fetos do que o uso de medicações. Existem medicações que são muito danosas, mas há várias situações em que tratar a mãe é melhor e previne malformações no bebê. Partindo desse ponto, começamos a trabalhar na ideia de uma gravidez segura. A escolha do nome “Sistema de Informação sobre Agentes Teratogênicos” foi porque começamos junto com outros serviços em rede na Europa e nos Estados Unidos. Fomos os primeiros da América Latina e ainda somos o mais forte. Existem outros na América Latina, vinculados a nós, mas somos o único que funciona de maneira efetiva e constante há 31 anos. O nosso serviço é gratuito e está dentro da Universidade e do HCPA.

Revista da Extensão: E como funciona a atuação extensionista do SIAT?

Lavínia Faccini: Quando surgiu a Pró-Reitoria de Extensão, já integramos o SIAT como um projeto de extensão. O projeto é direcionado a quem quiser: à população em geral, médicos e profissionais de saúde, porém o nível de informação é diferente. Se é o médico que nos consulta, enviamos direto a informação escrita, porque são informações técnicas. Se é

uma paciente que nos procura, enviamos uma orientação para ela e mandamos o laudo escrito para o seu médico. Nesses 31 anos, já realizamos 12 mil consultas individuais. Atualmente, muitas mulheres nos procuram por orientação do próprio médico. Nosso serviço tem abrangência nacional: 60% das nossas consultas vêm do Rio Grande do Sul, 35% são do restante do Brasil e 5% de outros países. Como os países latino-americanos não têm serviços de informação teratogênica, eles nos consultam em alguns casos. Os países europeus ou norte-americanos, muitas vezes, nos contatam para falar sobre mulheres que viajaram, ou que têm uma exposição que não existe na Europa ou nos Estados Unidos. Já houve casos de mulheres que vieram para cá e tomaram vermífugos, e lá eles não estão acostumados a estas medicações, então nos pedem informações.

Revista da Extensão: Como é que funcionam as consultas, professora? Antes da pandemia, como era esse contato de fora?

Lavínia Faccini: Em 1990, bem no início, era por telefone. Nosso logo inicial era um telefonzinho e nós possuíamos fone e fax. Naquela época, a linha telefônica era muito cara, então a nossa fundação foi com o apoio do Ministério da Saúde, que pagou a nossa linha. Isso foi uma coisa fantástica. Na época, o valor era como se fosse 3 mil reais atualmente. A inauguração do SIAT

Comemoração dos 10 anos do SIAT, um dos mais antigos projetos de extensão ainda em vigor na UFRGS, em 2000



foi na época do Collor (NR: Fernando Collor de Mello, Presidente da República entre 1990 e 1992), e a Rosane Collor de Mello, então esposa do presidente, veio para Porto Alegre participar da inauguração. À medida que as coisas foram evoluindo, o telefone ficou para a população em geral e o e-mail para os médicos. A pandemia nos deu o empurrãozinho que faltava para organizarmos a nossa página, onde os médicos podem entrar com a consulta. Para as pacientes, pedimos para que seja por e-mail, pois solicitamos contato do médico para enviar a resposta escrita ou fazer perguntas adicionais. Quando o médico entra no sistema, coloca o número do Conselho Regional, o que nos garante que, quando dermos a resposta escrita, será para alguém que possui um registro em um conselho. Agora nós estamos operando via telefone e pelo site.

Revista da Extensão: A senhora poderia compartilhar conosco alguns momentos marcantes desses 30 anos de atuação do projeto?

Lavínia Faccini: Em 1990, entravam consultas de mulheres que usavam, para indução de aborto, uma medicação chamada Misoprostol ou Cytotec®. O aborto era e ainda é proibido no Brasil, e uma das principais causas da mortalidade materna é o aborto mal feito. Agora, o uso do misoprostol é somente hospitalar, justamente

por essa razão. O misoprostol era uma medicação de acesso livre na farmácia, sem necessidade de receita, mas na bula desse medicamento dizia que um dos efeitos adversos eram sangramento e perda da gestação, o que ocasionou o uso dele de maneira empírica como abortivo. Em alguns casos ocorria a perda da gravidez, mas em muitos não, então as mulheres começaram a ligar para nós para saber se existia risco para o feto. Identificamos que menos de 10% das crianças expostas poderiam desenvolver anomalias congênitas. Publicamos esse estudo e mostramos que o misoprostol poderia ser teratogênico quando não interrompesse a gravidez. Como um serviço de extensão, nós também colaboramos muito com a Secretaria Estadual de Saúde. Nesse sentido, outro caso interessante ocorreu no início dos anos 2000: participamos das campanhas de vacinação contra a rubéola, que é uma infecção que causa malformações e problemas graves como microcefalia, cegueira, surdez e problemas cardíacos. As vacinas foram oferecidas desde que as mulheres grávidas não se vacinassem, mas muitas mulheres não sabem que estão grávidas no início da gravidez. Acompanhamos 400 mulheres que se vacinaram sem saber que estavam grávidas, e nenhuma dessas crianças nasceu com problemas relacionados à vacina. Isso foi uma coisa importante, por mostrar que, ainda que a vacina da rubéola não seja indicada na gravidez, se houver



Lavínia Faccini comemora aniversário com a equipe do SIAT em 2017

uma exposição não há risco.

Revista da Extensão: E como foi a procura ao serviço de vocês nos períodos de surtos mais recentes, como H1N1 e zika vírus?

Lavínia Faccini: Na época do H1N1, colaboramos com a Secretaria para mostrar que o uso do antiviral Oseltamivir não causava problemas congênitos. Começamos a receber consultas vindas do Nordeste em 2015, relatando casos de microcefalia possivelmente relacionados ao zika vírus. No início, achamos que por ser uma infecção frequente e não tinha relação com esta anomalia, mas a coisa foi tomando corpo: começamos a receber fotografias das crianças e observar que eram casos de microcefalia diferente das que víamos em nossa prática de geneticistas. Nesse meio tempo, os neuropediatras e obstetras do Nordeste começaram a observar também este aumento de casos de microcefalia e dispararam o alarme. Fomos chamados para reuniões em Brasília e a nossa contribuição como geneticistas foi mostrar essas características físicas para dar apoio ou substância à hipótese de que o vírus zika era teratogênico. Foi um trabalho de muitos médicos e cientistas e nós demos a nossa contribuição. Temos um dos artigos publicados na revista do Centers for Disease Control, dos Estados Unidos, em que demonstramos que essas crianças com microcefalia tinham um padrão clínico tão diferente que não ocorria em outros lugares onde o vírus zika não estava presente. Atualmente, estamos acompanhando gestantes que tiveram Covid-19.

Revista da Extensão: E como tem sido o desafio de atender ao público na pior pandemia dos últimos 100 anos?

Lavínia Faccini: O Covid-19 tem risco para a mãe, mas não parece causar anomalias no bebê. Porém a gestante com um quadro grave de Covid-19 muitas vezes tem complicações obstétricas incluindo o parto prematuro. Elas terão muito mais dificuldades respiratórias,

mais chance de tromboembolismo. Muitas delas são intubadas, o que acarreta o uso de muitos anestésicos, que passam para o feto. Não é o efeito do vírus diretamente, mas a condição materna que pode causar problemas muito graves no bebê, quando não a perda da gravidez. Em mulheres em CTI com quadro grave, muitas vezes é necessária a realização de cesariana com o nascimento de uma criança prematura, sedada e com complicações. No Hospital de Clínicas há uma equipe muito qualificada e equipada, e a maioria dos bebês sobreviveu, mas sabemos que no restante do Brasil não é bem assim. No episódio do vírus zika, um grande número de pesquisadores brasileiros reuniu-se, com uma resposta rápida. Ao SIAT, coube esclarecer a questão do fenótipo ou as características clínicas diferentes da microcefalia, dando consistência para essa nova síndrome teratogênica. Atualmente, temos colaborado com a Agência Nacional de Vigilância Sanitária (ANVISA) na regulamentação de portarias relativas ao uso de algumas medicações e agrotóxicos, especialmente sobre uma medicação chamada Talidomida, a primeira reconhecida como causadora de malformações congênitas, no início dos anos 1960. Ela foi retirada do mercado, mas, em alguns países, como o Brasil, continua sendo utilizada no tratamento de complicações da hanseníase, porque tem um efeito muito bom no sistema imune. Atualmente, essa medicação também é utilizada em outras condições médicas, como mieloma múltiplo. No Brasil ainda nascem crianças com síndrome de talidomida por acidentes, falhas de anti-concepção, e falhas de orientação adequada. Temos ajudado a melhorar as portarias de regulamentação, dispensação, uso e prescrição dessa medicação. Nesse sentido, o SIAT tem agido em diferentes níveis: no nível individual, realizando o atendimento de médicos e suas pacientes; em um nível de produção de conhecimento, em que fazemos e publicamos todas essas investigações para a comunidade científica; e, também, uma parte de divulgação desse

conhecimento em termos de assessoria tanto para o governo, quanto para outras entidades.

Revista da Extensão: O acolhimento, orientação e difusão de conhecimento científico são, então, as principais razões de existência do SIAT? Ou existe algo mais a se destacar?

Lavínia Faccini: Acho que temos esse espectro amplo, mas eu gostaria de salientar a outra base ou vocação do SIAT, que é a formação de recursos humanos. Dentro da extensão temos treinado muitos alunos das áreas da saúde, que atendem as consultas do SIAT, elaboram os laudos e fazem a revisão bibliográfica. A maioria são alunos da UFRGS. Temos as bolsas da PROEXT, que a gente agradece muito, e, além de estudantes de Medicina, há alunos de Enfermagem, Farmácia, Biologia, Biomedicina e Odontologia. Também tivemos alunos de pós-graduação e residentes do Hospital de Clínicas trabalhando conosco. Nesses 30 anos, temos uma lista de 330 alunos que passaram conosco, com uma média de mais ou menos 10 a 13 alunos por ano.

Revista da Extensão: A senhora é formada em Medicina, mas é lotada no Instituto de

Biociências e trabalha com alunos da Enfermagem, Farmácia, Biologia e diversos outros cursos. Portanto, além de fazer ensino, pesquisa e extensão, que são as três atividades pilares básicas da universidade, ainda consegue trabalhar com uma interdisciplinaridade fantástica nesse projeto. Como é trabalhar com tanta riqueza de abordagens e diversidade.

Lavínia Faccini: Isso é importante. Temos estudantes de diferentes áreas. Sou a coordenadora do projeto, mas temos outros professores que participam e compartilham a coordenação e esses professores também são de áreas diferentes. Temos um professor que é biólogo do Instituto de Ciências Básicas da Saúde (Lucas Fraga), temos uma professora bióloga do Instituto de Biociências (Fernanda Vianna). Ambos trabalham com Teratologia Experimental e Molecular, uma área que procura entender como é que os agentes ambientais agem com o nosso genoma nos processos de desenvolvimento embrionário; o professor Alberto Abeche é da Faculdade de Medicina e é obstetra, o que é muito importante, porque trabalhamos com gestantes. O professor Júlio Cesar Leite é médico do Hospital de Clínicas e trabalha com vigilância epidemiológica de



Equipe do SIAT reúne estudantes e docentes de diferentes formações na área da Saúde

crianças que nascem com defeitos congênitos, frequências, causas. A professora Maria Teresa Sanseverino, da PUCRS e do HCPA, é médica geneticista e neonatologista. O professor André Anjos, médico geneticista, está atualmente em duas universidades: na Univates e na Unisinos. Ele é egresso, foi aluno de doutorado orientado por mim e pela Maria Teresa, seguiu a carreira de professor de genética e continua colaborando conosco. Ele teve um papel superimportante durante a época da epidemia de H1N1, aquela “gripe A”, e seu doutorado foi com este tema.

Revista da Extensão: E para os alunos, como é receber uma formação com tanta diversidade?

Lavínia Faccini: É interessante, porque reunimos em uma única atividade ensino, pesquisa e extensão. Certamente não queremos que todos os alunos virem geneticistas, mas que aprendam e levem esse espírito de colaboração entre diversos grupos e respeito por diferentes conhecimentos. Nós, professores, aprendemos muito a partir dos alunos, então essa colaboração entre diferentes áreas do conhecimento é muito importante. Veja só, a nossa mais recente bolsista é jornalista, pois percebemos que ao conversar com a população, ao apresentar resultados e informações, tendemos a usar termos técnicos, ou pouco compreensíveis. Assim temos conosco duas pessoas muito importantes: a Rose, que trabalha com design gráfico, nos ajudou a implementar nossa página na web; e a Rosa, a jornalista com habilidade com redes sociais, fazendo divulgação no Instagram, Facebook e Twitter. A Rosa faz, por exemplo, o “clipping”: mapeia tudo o que está saindo nas mídias, como a questão da vacina de Covid-19 em mulheres grávidas. Ela trouxe para nós: “o que vocês têm pra dizer sobre isso?”. Discutimos a resposta e ela transforma isso em uma linguagem mais acessível, ajudando, também, a divulgar outros sites úteis e confiáveis.

Revista da Extensão: Essa necessidade de qualificar a parte de comunicação do projeto foi diagnosticada por vocês a partir da eclosão da pandemia?

Lavínia Faccini: No nosso trigésimo ano, é engraçado como nas crises a gente consegue dar passos adiante. Tudo isso foi forte influência da pandemia, em que tivemos que sair da nossa zona de conforto. O SIAT continua operando em modo remoto. Por outro lado, notamos como era importante que a gente se apresentasse mais claramente para a população, então a entrada do jornalismo, do design gráfico e da comunicação para nos assessorar. Temos um grupo dentro do serviço de genética com muito contato com equipes de psicologia. Muitas vezes nos defrontamos com situações em que uma mulher grávida descobre que está em risco. O manejo dessa situação, seja com o médico ou diretamente com ela, envolve essas questões de cuidado, de manejo da dor e das notícias difíceis e nisso nós temos um apoio muito grande. Outro apoio que nós temos vem da obstetria do Serviço de Medicina Fetal. Para mulheres encaminhadas do SUS que tenham uma criança com anomalia, suspeita ou fator de risco, a medicina fetal, junto com a genética, faz todo o processo de aconselhamento diagnóstico e possíveis terapêuticas quando necessárias. Isso é complementado com o Serviço de Neonatologia, onde nós temos outras neonatologias dentro do Hospital de Clínicas, que dão apoio para o seguimento dessas crianças. De particular interesse, o SIAT tem um ambulatório específico dedicado às crianças com microcefalia, que foi um convênio com a Secretaria de Estado para apoiar as crianças nascidas com síndrome de Zika. Este ambulatório é multiprofissional: tem eu, que sou geneticista, tem uma pediatra, que é a Dra. Luciana Friedrich, que também é professora do Departamento de Pediatria, temos uma odontóloga, que é egressa da Faculdade de Odontologia, uma neuropediatra, oriunda do Programa de Pós-Graduação em Saúde da Criança e do Adolescente e duas enfermeiras,

uma fazendo doutorado conosco, na Genética, e a outra fazendo mestrado, também no Programa de Pós-Graduação em Saúde da Criança. Dessa forma, conseguimos oferecer um atendimento que cobre essas crianças que, de outra forma, ficam de um lado para o outro. Continuamos fazendo nosso serviço baseado no SIAT, que não ficou só na gestação.

Revista da Extensão: É praticamente uma clínica.

Lavínia Faccini: Exatamente. Às quintas-feiras de manhã a gente atende. Também realizamos consultas de forma remota nos períodos mais críticos da pandemia, mas já estamos retomando os atendimentos presenciais novamente.

Revista da Extensão: Vocês sentiram uma diferença no número de atendimentos a partir do decreto de pandemia aqui no Brasil? Como é que foi esse último ano para vocês?

Lavínia Faccini: No SIAT aumentou, e acho que é por duas razões: primeiro, a própria Covid-19, que gera muita ansiedade em mulheres grávidas. Também penso que aumentou porque consultas online, teleconsultas, começaram a existir e os próprios médicos e pacientes começaram a usar mais canais de comunicações digitais. Foi ao mesmo tempo que, por essa pressão da pandemia, inauguramos o sistema na nossa página web, em que os profissionais de saúde podem fazer as consultas só preenchendo um formulário, o que torna muito mais fácil. As nossas respostas



Uma das primeiras formações do SIAT, ainda no início dos anos 1990

são sempre personalizadas. Não é apenas responder: “ah, será que uma medicação tal tem risco?”. Pelo contrário, respondemos pessoalmente. Queremos, portanto, saber a idade gestacional, se ela está usando ou não o medicamento, qual a dose, qual a idade que tem, que doença que ela está tratando, entre outras perguntas. Na resposta equacionamos os riscos e benefícios da medicação bem como outros fatores de risco que podem ser detectados neste questionário. Esse formulário que os médicos preenchem é sigiloso, garantindo a privacidade da gestante.

Revista da Extensão: A senhora mescla no seu dia a dia pesquisa, extensão e ensino. Como uma atividade contribui com a outra e o que agrega na sua formação, no seu conhecimento, a interligação dessas três faces.

Lavínia Faccini: É um ciclo virtuoso, que pode começar de qualquer ponto. Vamos imaginar que entrei como pesquisadora ou cientista, ou seja, fiz minha formação, meu mestrado e doutorado para uma carreira acadêmica de investigação. A investigação permite que, quando passe a informação para a extensão, essa informação tenha forte base da experiência científica. Os cientistas falam entre si, então trabalhamos em rede. O SIAT está conectado com outros grupos que também fazem investigação. Costumamos nos encontrar em congressos, discutir sobre outras situações, o que significa que estamos na base da informação que iremos passar. A pesquisa ajuda a extensão, no meu caso em específico, permitindo que o conhecimento gerado ajude a interpretar melhor a literatura de dados não produzidos por nós, de interação com outros pesquisadores e assim por diante. Por outro lado, pela extensão, temos a informação do que está acontecendo na comunidade. Um dos objetivos do SIAT na pesquisa foi sempre investigar teratógenos que sejam relevantes para a população brasileira ou latino-americana. Essas consultas que

chegam para nós são excelentes sensores para o que está acontecendo. Muitas vezes, a partir das consultas, fazemos projetos de investigação. Todo projeto de pesquisa, mesmo que seja a partir de consultas no SIAT, passa pelo comitê de ética. As mulheres são informadas consentem que suas informações sejam utilizadas. Sobre o ensino, o que é bom dentro da nossa experiência no SIAT é que ele é pessoal, com um mestre e um aluno ao lado aprendendo a trabalhar junto. A cada consulta, há sempre um professor supervisor, de forma que o aluno recebe a consulta, estuda e discute com o professor (agora cada um na sua casa, mas continuamos discutindo). É um tipo de formação personalizada, que vai muito além da parte técnica do conteúdo: envolve relação médico-paciente, os conteúdos técnicos de uma gama de áreas, como farmacologia, genética, obstetrícia, medicina interna e uma série de outras. É uma maneira de ensino personalizado que não é possível quando damos aula para 60 alunos em uma sala. São atividades complementares. Essa é a riqueza do SIAT. Por isso que eu digo que nós, professores, também aprendemos muito. É um “ir e vir”. Não é como um professor na cátedra dando aula para vários alunos, sem lembrar do rosto ou nome da maioria dos alunos ao longo do semestre. Ao contrário. Imagine que ainda nos encontramos com os primeiros quatro alunos de medicina que começaram conosco o SIAT, em 1990. São, todos, médicos bem estabelecidos em suas áreas, mas continuamos conversando e nos comunicando. Essa é a parte muito legal da história.

Revista da Extensão: Com relação à troca de saberes: o projeto, por sua natureza, já abrange muita gente da área da saúde e biológicas, mas também, por ser de extensão, compreende uma troca com a comunidade, certo? Esse saber da comunidade também alimenta a extensão, não é mesmo?

Lavínia Faccini: Isso! Nesse sentido, alimenta

a extensão também. Eu enfatizei a pesquisa, mas alimenta a extensão. No nosso caso, a extensão é feita tanto para outros profissionais da saúde quanto diretamente com a população. É impressionante como as mulheres ficam felizes quando damos respostas até muito simples, como “posso pintar o cabelo?” e a resposta é tranquilizadora desde que tomados alguns cuidados, enquanto que geralmente a resposta inicial seria “grávida melhor não”. Essa “conversa de comadre”, no bom sentido, mas baseada em evidências, ajuda mesmo em questões simples. Essa “conversa com a comunidade”, para entender as principais necessidades, também auxilia a nossa atividade como extensão. Agora já nos preparamos: “isso vai preocupar as grávidas, aquilo não”, porque aprendemos muito com elas, inclusive conhecimentos populares que são benéficos ou que precisam de um melhor esclarecimento.

Revista da Extensão: Com relação a essa facilidade de atendimento para população, principalmente a mais vulnerável, será que essa pandemia deixou mais nítida para as pessoas a importância do nosso Sistema Público de Saúde?

Lavínia Faccini: Eu acho e espero que sim. Nós estamos dentro de um hospital do SUS, apoiamos o SUS, mas também somos a universidade pública. Esperamos que com a pandemia, as pessoas tenham se dado conta como é importante o Sistema Único de Saúde. No Hospital de Clínicas foi muito importante o aumento de leitos de CTI, de um atendimento de excelência que os próprios usuários se deram conta da importância. Por outro lado, também queremos e precisamos mostrar que a Universidade não ficou parada, a Universidade não fechou as portas. O SIAT, que existe há 31 anos, é uma iniciativa da UFRGS/HCPA. O tempo que dedico a isso, os recursos, são pagos pela Universidade, que não pede nada em troca. Esse papel da universidade pública

na extensão, às vezes, não fica tão claro, e procuramos transmitir esta ideia para a comunidade. Eu represento a universidade federal. Nossos alunos representam a universidade federal. Tudo isso é a UFRGS, essa é a cara da Universidade.

Revista da Extensão: Ultimamente estamos acompanhando notícias de muitas dificuldades financeiras em várias universidades, e eu queria tratar um terceiro ponto que eu acho que essa pandemia mostrou, que é a importância da ciência. Como cientista, como está sendo não apenas informar a população, mas convencê-la de que a ciência é o único caminho possível para combater uma pandemia dessa gravidade? Porque a gente se depara com frequências com informações distorcidas, contrárias, que não colaboram em nada para que isso vá adiante.

Lavínia Faccini: É muito engraçado que eu vou dizer que parece ser uma dissociação. Se por um lado nós tivemos vacinas em tempo recorde, isso foi graças à ciência. Só existe uma ciência. Não existem várias ciências. Apesar de ter havido essa amostra de quão importante é a ciência para a saúde, ao mesmo tempo existe esse grupo que se beneficia da ciência e seus produtos, mas a ataca e a menospreza. A ciência é fundamental para as tomadas de decisão de saúde pública. Esse caminho, que em outros países foi bem trilhado, aqui está ainda muito limitado. É uma pena, mas é a nossa tarefa começar a aprender a conversar, porque talvez nós, cientistas, falando muito só na nossa língua e entre nós, tenhamos descuidado de mostrar qual é o processo científico, como é que a gente chega lá. Por outro lado, também, educação: o descuido na Educação Básica, no Ensino Médio, faz com que tudo pareça igualmente verdadeiro, como se a rede social tivesse mais voz que um professor. Essa alfabetização científica é uma coisa que devemos nos envolver mais, em todas as esferas da educação, em

todos os níveis. As pessoas têm que entender o que é um vírus, uma bactéria, desde a escola, para quando houver essas mudanças de cenário, poderem entender melhor o que é científico e o que não é.

Revista da Extensão: Professora, a senhora já ocupou cargos importantes, como presidente da Sociedade Brasileira de Genética Médica e da Rede Latino-Americana de Genética Humana. Como é que foram essas experiências?

Lavínia Faccini: Foi superimportante. Quando fui presidente da SBGM, por dois mandatos, a ideia foi também a agregação entre diferentes profissionais, formação médica continuada e todas essas atividades. A Genética Médica ainda é uma especialidade com pequeno número de profissionais trabalhando, então essas sociedades, como a Rede Latino-Americana de Genética Humana, são muito importantes para agregar, compreender os nossos desafios em comum, compartilhar dados e informações e procurar soluções dentro do nosso meio. Muitas vezes a ideia é que um bom colaborador estrangeiro é um americano, ou europeu. Pudemos perceber como temos coisas muito boas aqui na América Latina. Vamos começar a nos relacionar mais. Às vezes temos muito mais contatos transoceânicos do que com colegas da Argentina, Uruguai, Colômbia etc. Foi uma experiência muito rica, no sentido de aprendizado e troca de experiências com relação a essa integração entre os diferentes países, especialmente o Brasil. Como nós falamos português, dá a impressão de que estamos mais isolados do que outros países que compartilham o espanhol. São as coisas que vamos crescendo e fazendo de tudo um pouco.

Revista da Extensão: E a nossa extensão é muito ligada à América Latina...

Lavínia Faccini: Eu acho fascinante! Que

cultura linda, a da América Latina! É bem isso: a nossa extensão e a nossa universidade têm essa virtude. Por um bom período, o Brasil teve mais condições econômicas e recebemos muitos bolsistas de pós-graduação de países latino-americanos. O Brasil tinha uma posição de liderança mesmo. Agora não sabemos como vai ficar. Está tudo tão confuso... Mas, nesse aspecto, esperamos que, pelo menos, seja possível continuar essas colaborações e oferecer alguma coisa.

Revista da Extensão: Professora, muito obrigado por essa conversa tão relevante. Deixamos esse espaço para uma mensagem final aos nossos leitores.

Lavínia Faccini: Em um certo período, a extensão era considerada como um pouco menor do que a pesquisa e o ensino, que pareciam ser as grandes vocações. Eu acho que, agora, estamos aprendendo que a extensão deve ter um papel tão grande quanto a pesquisa. Se as instituições de fomento também têm essa visão de que a publicação é mais importante do que a extensão, não iremos muito adiante, atados ao que temos que mostrar como produção. Em anos mais recentes, cada vez mais a CAPES tem valorizado e estimulado a inserção social dos programas e também refletidos pelos projetos de extensão em diferentes níveis, seja em educação ou assistência. A extensão, dentro de uma universidade, preenche um vazio: não significa fazer só um cuidado, uma benemerência. Não. Isso são outros papéis. A extensão é um programa: tem corpo de conhecimento, corpo de aprendizado... são propostas diferentes e inovadoras, que podem servir como piloto para implementação de maneira mais ampla em outros serviços estabelecidos. Extensão não é assistencialismo, mas uma atividade criativa importante, que gera conhecimento e que se beneficia do fato de estar dentro de uma universidade, que pode produzir inovação. ◀